



QUANDO EU DESCOBRI QUE POETAS MENTEM

Íris Cavalcante

Fortaleza
Agosto de 2025

Design de Capa & Diagramação

Rebeca Gadelha

Revisão

Lílian Martins

APOIO



Este projeto é apoiado pela Secretaria da
Cultura do Estado do Ceará, com recursos da Lei
Paulo Gustavo (Lei Complementar n. 195/2022)



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Dados para Catalogação na Fonte

Dados Carla Vilella de Mattos Bibliotecária – CRB4/1596

C376q

Cavalcante, Íris

Quando eu descobri que poetas mentem / Íris Cavalcante;
revisão Lílian Martins; design de capa e diagramação Rebeca Ga-
delha. - 1. ed. - Fortaleza: O Autor, 2025.

102 p.

ISBN 978-65-01-56936-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira - Poesia.
I. Título.

CDD B869.1

*Para fazer literatura você tem de ser
terrivelmente sincera. E é incrível: se
você atinge a verdade, está fazendo
ficção, que é mentira.*

Elvira Vigna

*Eu me sentia cada vez mais só, e, à
maneira dos abikus, querendo voltar
logo para o Orum.*

Ana Maria Gonçalves

DIVINDADES DA POESIA

Celma Prata

Escritora e jornalista

*Membro da Academia Cearense de Letras
(ACL)*

Início evocando a mitológica Íris, deusa que, com seu arco multicolorido, estabelece pontes entre o divino e o humano.

A poesia tem essa feição especial, quase divina, de nos conectar a emoções, lembranças e à nossa própria essência.

Há algo de sublime nos versos de Íris Cavalcante, poeta esculpida em vigor, obstinação e inovação. Sua voz não se submete, longe disso, transborda, desafia, transforma e eterniza um legado de autenticidade e coragem.

De alfa a ômega – o princípio e o fim de todas as coisas –, os poemas de Íris Cavalcante seguem uma linha do tempo, desde a infância incompreendida, os arroubos juvenis, a aceleração desumana que condena ao caos e à indiferença, a maturidade que suporta açoites e abraços, até a desistência que se transfigura continu-

amente pela alma redentora da poesia.

Vou ater-me, contudo, aos dois poemas homônimos – “Quando eu descobri que poetas mentem” – que dão título ao livro, não por economia de espaço ou palavras, mas para preservar o direito do leitor ao espanto prazeroso e vital da descoberta do brado questionador, intenso e poético de Íris Cavalcante que permeia toda a obra.

(I)

*(...) não há versão forjada para o meu riso
não há tráfico de influência que me impeça de seguir
ah, dona justiça, a senhora mente, os poetas também...*

(II)

*(...) ah, tenho muito trabalho e contas a pagar
para me ocupar de amores frígidos
de coisas comportadas demais
ou complicadas demais
desejos não permitidos (...)*

O modo como a autora tece os versos desses dois poemas traz um senso poderoso de teimosia e denúncia, enquanto exala sensibilidade e reflexão. Existe algo visceral na forma como aborda a injustiça, a misoginia e as cicatrizes invisíveis que atravessam gerações:

*(...) não há outra versão
para o discurso arcaico que vira prática perigosa*

*e passa de pai pra filho,
que já vem do avô,
presidente, casa parlamentar, raio que o parta
não há outra versão
quando mulheres reproduzem a misoginia deles,
disfarçada pela mentira das aparências (...)*

Ao mesmo tempo, somos atingidos por um sopro de vida e liberdade, pelo desejo de encarar o cotidiano sem reservas, amarras, medo do exagero ou da fragilidade, um autêntico manifesto contra tudo o que limita, estanca, regula, molda e sufoca:

*(...) não sou sombra,
deslizo das insignificâncias pra ser luz
então eu digo: pode sim!
pode o riso,
a gargalhada,
a mordida,
a textura,
o cheiro,
o gosto,
o gozo [ato consumado!]
pode ser mar ou correnteza de rio
corpos se fluidificam, líquidos escorrem
o vinho derrama
livro e gato na cama, taça quebrada no chão*

*pode ser qualquer dia,
depois de amanhã pode ser de novo
na segunda, certamente não, tenho analista (...)*

E arremata com a condição fundamental para não cair no vazio da existência:

(...) só não mate a ternura.

Apesar da natureza divinal da poesia, os poetas vivem em corpos transitórios que necessitam proteger-se da rudeza do mundo. A poesia é, pois, simultaneamente, refúgio e resistência. Ao fantasiarem por meio da arte, os poetas revelam verdades que fortalecem a todos.

Não sei como sobreviveríamos sem as fantasias dessas divindades da poesia. Mil vivas à imaginação e à beleza de sentir! Mil vivas à Íris Cavalcante!

SUMÁRIO

<i>Alfa</i>	14
<i>A menininha [1]</i>	17
<i>A menininha [2]</i>	20
<i>Amor e sexo</i>	21
<i>As horas</i>	23
<i>Braille</i>	25
<i>Cálice</i>	27
<i>Caminho</i>	29
<i>Crime sem castigo</i>	30
<i>Crosta</i>	33
<i>Desordenação</i>	35
<i>Destrato</i>	39
<i>Dez minutos</i>	41
<i>Direções</i>	43
<i>Filhas da mãe</i>	45
<i>Inadvertidamente</i>	48
<i>Inscrições no vazio</i>	51
<i>Língua dos anjos</i>	53
<i>Manifesto</i>	54
<i>Mão que escreve o poema</i>	56
<i>Morreram todos os poetas que amei</i>	57
<i>Muros</i>	59

<i>Narciso</i>	61
<i>Nuvem</i>	63
<i>O mal que eles já fazem</i>	64
<i>O primeiro</i>	65
<i>O que você vê?</i>	66
<i>O rapaz [1]</i>	67
<i>O rapaz [2]</i>	69
<i>O rapaz [3]</i>	70
<i>Pantomina</i>	71
<i>Poemicídio</i>	73
<i>Quando eu descobri que poetas mentem [1]</i>	77
<i>Quando eu descobri que poetas mentem [2]</i>	79
<i>Resistir</i>	83
<i>Revolução dos ratos</i>	86
<i>Roteiro</i>	89
<i>Salve o poema</i>	91
<i>Santo</i>	92
<i>Se o pântano...</i>	95
<i>Telhado de vidro</i>	97
<i>Tristeza das mulheres fortes</i>	99
<i>Última letra</i>	100
<i>Posfácio</i>	101



ALFA

Agarrei o instante
infância atrasada
assuntei: adianta ainda?
amar agora, aqui acolá
amo, adentro, entro estranho interior
acocha, afrouxa, estica, encolhe, avoa, avia
ouvi o assovio
águas aguam-se, insípidas, inodoras
esqueço os ais
amei alguém, amém!
alma assombração
asas abertas
anjo anunciação
oração, avó, estrofe alexandrina
ave, Eva!
afilhada estação inverno
outono imaginação
arquitetura, altura, ânsia

alancar a arroba
arrear ombros
envergam-se, elevam-se após
olhos aguçam
esgatanham-se unhas
atiço a úlcera
estômago acastanhado
amargo âmago
o usurpado, a ameaça, o Estado
a exceção, a urna
abril assolado
algo assim escrito em inglês
escassez, armas, amanhã
ômega, infinito, aqui estou.